



A TRINDADE COMO CHAVE-DE-LEITURA DA REALIDADE NO PENSAMENTO TEO-MISSIOLÓGICO DE LESSLIE NEWBIGIN¹

TRINITY As A KEY TO READING REALITY IN LESSLIE NEWBIGIN'S THEO-MISSIOLOGICAL THOUGHT

Gladson Pereira da Cunha²³

Resumo:

O presente artigo apresenta uma introdução ao pensamento do teólogo e missionário inglês Lesslie Newbigin (1909-1998). Ainda pouco conhecido no cenário teológico brasileiro, o pensamento de missiológico de Newbigin tem influenciado a ação evangelizadora de comunidades cristãs e agências missionárias, apontando a necessidade da proclamação do reino de Deus, presente no Evangelho, como meio de salvação a cultura atual. No pensamento de Newbigin chave para ler a realidade e indicar o modo de ação para a evangelização é a doutrina trinitária, que oferece clareza para a orientação da Igreja na missão. A cada aspecto da ação de uma das Pessoas trinitárias reflete, para Newbigin, num modo de ação que deverá ser seguido pela Igreja cumprimento da missão. Esse princípio, não apenas orientou a prática de Newbigin, mas também sua reflexão teológica.

Palavras-chave: Trindade. Missão. Lesslie Newbigin.

Abstract:

This article presents an introduction to the thinking of the English theologian and missionary Lesslie Newbigin (1909-1998). Still little known in the Brazilian theological scenario, Newbigin's missiological thinking has influenced the evangelizing action of Christian communities and missionary agencies, pointing out the need for the proclamation of the kingdom of God, present in the Gospel, as a means of salvation to current culture. In Newbigin's thought, the key to reading reality and indicating the mode of action for evangelization is the Trinitarian doctrine, which offers clarity for the Church's orientation in mission. Every aspect of the action of one of the Trinitarian People reflects, for Newbigin, a way of action that must be followed by the Church in fulfilling its mission. This principle not only guided Newbigin's practice, but also his theological reflection.

Keywords: Trinity. Mission. Lesslie Newbigin.

¹ Enviado em: 24.03.2020. Aceito em: 03.02.2021.

² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Especialista em Filosofia e Psicanálise. Graduado em Teologia e Filosofia. Professor da Escola de Ensino Superior Fabra, em Serra/ES. Contato: gladsoncunha@gmail.com

³ Este artigo tem como base o que construímos na nossa tese de doutorado, intitulada: "NÃO OS TIRES DO MUNDO: Estudo da relação Igreja-Mundo numa denominação presbiteriana brasileira, à luz da reflexão teológica de Lesslie Newbigin e José Comblin", defendida em 29 de agosto de 2019, na PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47084/47084.PDF>. A tese contou com subsídio da CAPES, Código de Financiamento 001.

INTRODUÇÃO

Fazer teologia é algo que se desenvolve processualmente⁴. E esse desenvolvimento não se faz apenas por meio do aprender acadêmico, mas também por aquele tipo de aprendizagem que acontece no chão da realidade eclesial, em suas mais diversas dinâmicas. E fazer teologia também acontece por meio das articulações dos tópicos teológicos estudados e aprendidos e a sua aplicação diante dos desafios que se levantam contra o anúncio do Evangelho. Assim, as ênfases dadas em certos momentos da história, dizem respeito às necessidades de apresentar a mensagem evangélica ou ainda as exigências impostas e exigidas a apologética da Fé, algo inerente a proclamação da Boa-Nova de Deus por meio de Jesus Cristo. Tais critérios, portanto, determinam o modo como cada teólogo ou teóloga constrói o seu fazer teológico, algo que também refletirá em suas respectivas ações pastorais.

Para o teólogo e missiólogo inglês Lesslie Newbigin isso é igualmente verdadeiro. E no seu caso, isso implica em assumir, na sua época, uma compreensão não tão comum, isto é, assumir o dogma trinitário como modo de compreensão realidade tanto da esfera do mundo como do agir da igreja em sua missão ao mundo. Uma vez que a missão era compreendida através de uma perspectiva meramente cristológica, ignorando o envolvimento das demais Pessoas, isto é, o Pai e o Espírito Santo, Newbigin ressalta não apenas o valor do dogma trinitário para a teologia cristã, como também a insere na práxis missionária da igreja.

Neste trabalho, será apresentado, a título de introdução, o pensamento teo-missiológico trinitário de Newbigin como modo de compreender a relação Igreja-Mundo, visualizando a realidade e orientando a missão. Apresentar-se-á o desenvolvimento da ideia trinitária newbiginiana, seguido do modo de percepção de cada pessoa divina nesse pensamento.

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TRINITÁRIO NA MISSIOLOGIA DE NEWBIGIN

No caso de Newbigin, a doutrina da Trindade não ocupava lugar de destaque em sua reflexão teológica inicial. Em grande parte, isso aconteceu por conta da sua própria formação teológica, a qual estava determinada por aspectos do seu momento histórico e cultural. A doutrina de Deus como Trindade não ocupava lugar especial em suas aulas de Teologia Sistemática. A teologia protestante dos dias de Newbigin ainda estava sob forte influência do pensamento teológico liberal no século XIX⁵. Consequentemente, por conta da demanda antropológica para se

⁴ LIBÂNIO, J.B.; MURAD, A. *Introdução à Teologia*: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996, p. 57-59.

⁵ De acordo com Jeffrey Hensley, “O ‘Protestantismo Liberal’ é uma designação notoriamente vaga e frouxa para uma ampla gama de pensamento cristão protestante, unificado menos por reivindicações ou doutrinas teológicas específicas do que por uma abordagem liberal, compartilhada para certos temas comuns que surgiram na teologia cristã durante o período moderno. Esse espírito compartilhado de liberalismo é caracterizado por (1) uma mente aberta e respeitosa por novos modos de pensamento nas ciências humanas e naturais; (2) uma confiança no poder da razão humana guiada pela experiência; (3) uma ênfase radical, tanto na liberdade dos dogmas tradicionais e formulações de credo e na tolerância das diferenças doutrinárias; (4) um otimismo ético e um idealismo social, baseado na benevolência de Deus e na natureza social da existência humana; e, finalmente, (5) uma busca, em meio ao contexto cultural e histórico em constante mudança, pela essência permanente do cristianismo baseado na vida, nos ensinamentos e na pessoa de Jesus Cristo. O protestantismo liberal teve seus primórdios no final do século XVIII e início do século XIX no pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834), mas atingiu sua expressão máxima nas teologias de Albrecht Ritschl (1822-1889), Adolf Von Harnack (1851-1930) e Ernst Troeltsch (1865-1923), e o Evangelho Social movimento exemplificado em Walter Rauschen-Busch (1861-1918) nos Estados Unidos. HENSLEY, J. Liberal Protestantism. In: HILLERBRAND, Hans J. (Ed.). *The Encyclopedia of Protestantism*, vol. 3. London: Routledge, 2004, p. 1112.

entender Deus, a ênfase de sua formação foi marcadamente cristológica, uma vez que Jesus deveria ser entendido como um grande modelo a experiência humana de Deus.

A virada epistemológica newbiginiana ocorreu na experiência missionária- pastoral do bispo Newbiggin em terras indianas, ainda que um pouco tardiamente em relação as suas atividades pastorais. O pensamento eclesiológico de Newbiggin nem sempre teve um aspecto trinitário⁶; embora, em *The Household of God* (1953), a doutrina da Trindade tenha ajudado a moldar o pensamento de uma eclesiologia à luz dessa doutrina⁷. No texto *One Body, One Gospel, One World* (1958), por exemplo, Newbiggin ainda possuía uma percepção da Igreja altamente cristológica, de modo que toda a eclesiologia que ele desenvolve tem apenas a pessoa e obra de Jesus como referência da vida e ação da Igreja, a despeito dos acenos trinitários em *Household*⁸. Junto a essa compreensão antropológica da missão, encontra-se também certa insistência exclusivista na pessoa e obra de Jesus Cristo como fundamento do Evangelho e da missão, deixando de lado as demais pessoas da Santíssima Trindade⁹. Enfim, embora no início Newbiggin tenha dado pouca atenção a doutrina trinitária para dar sentido a ação missionária, o fato é que ele passa a advogar essa causa¹⁰.

Para Newbiggin, o modo de compreender a relação entre Igreja e Mundo somente é possível de ser vista por meio do Deus que é Trindade¹¹, uma vez que a relação da Igreja e o Mundo acontece por meio da missão no anúncio da Boa-Nova de Deus em Jesus. Embora esse seja um tema central do pensamento de Newbiggin, o mesmo só aparece pontualmente em O Evangelho em uma Sociedade pluralista. Porém, isso não se configura num abandono ou rejeição da importância desta temática para a sua teologia da missão.

Aliás, em um desses momentos pontuais, em que o autor faz referência a teologia da Trindade, que a afirmação mais contundente da relação entre a doutrina trinitária e sua influência na missão da Igreja surge. Newbiggin afirma: “A missão da igreja deve ser entendida, só pode ser corretamente entendida, em termos do modelo trinitário”¹². Esse é um eco cuja origem remonta a *The Mission of the Triune God*, de 1962¹³. Nesse texto, fazendo uma considerável análise contextual da ação missionária no mundo do seu tempo, Newbiggin considerou “o fato de que quem sai da

⁶ GOHEEN, M. W. *As the Father Has Sent Me, I Am Sending You*: J. E. Lesslie Newbiggin’s Missionary Ecclesiology. 2000. Utrecht, 2000. Interuniversitair Instituut voor Missiologie en Oecumenica. Universidade de Utrecht, p. 60-65.

⁷ WAINWRIGHT, G. *Lesslie Newbiggin: A Theological Life*. New York: Oxford Press, 2000, p.177.

⁸ NEWBIGGIN, *One Body, One Gospel, One World*, London: International Missionary Council, 1958, p.17-23.

⁹ A visão eclesiocêntrica da missão baseou-se talvez com demasiado exclusivista na pessoa e na obra de Jesus Cristo, fazendo muito pouco justiça a teologia trinitária toda inteira. Cf. NEWBIGGIN, *A Igreja Missionária no Mundo Moderno*, p.66. MCGRATH, A. *Christian Theology: An Introduction*, p.262.

¹⁰ Newbiggin após a unificação do CIM e do CMI, em 1965, procurou estabelecer sua Missiologia Trinitária como um padrão missiológico da entidade unificada, mas sem sucesso, graças a oposição de Willen Visser’t Hooft, na época o Secretário-Geral do CMI. O que não impediu que Newbiggin abandonasse seu entendimento. Acerca da doutrina trinitária e sua relação com a missão será utilizado o texto de Adam Dodds, *The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbiggin*. Esta obra “nasceu como a tese doutorado” de Dodds, defendida em na Universidade de Otago, na Nova Zelândia. DODDS, A. *The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbiggin*. Eugene: Pickwick Publications, 2017, p. 86. O trabalho de Dodds tem como foco a teologia trinitária de Newbiggin e sua influência na Teologia da Missão, de modo que Dodds fala sobre uma “missiologia trinitária”. Esse é o primeiro trabalho acadêmico, conforme apurado, que procurou investigar esse pressuposto presente no pensamento do bispo Newbiggin.

¹¹ Serão utilizadas as seguintes obras de Newbiggin: NEWBIGGIN, L. *A Igreja Missionária no Mundo moderno*. São Paulo: Paulinas, 1969; NEWBIGGIN, L. *The Open Secret*, 2.ed. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co, 1995.

¹² NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016, p.158.

¹³ *The Mission of the Triune God* foi traduzido para o português, a partir de uma versão alemã, pela editora Paulinas em 1969, sob o título *A Igreja Missionária no Mundo moderno*, e ambos os textos serão utilizados nesta tese.

‘cristandade’ para anunciar o evangelho entre os não-cristãos faz logo a experiência de que a doutrina trinitária não pode ser absolutamente posta de lado, antes constitui necessariamente o ponto de partida de qualquer anúncio [ou seja, a pregação]”¹⁴.

O que é possível verificar é que a missão do Deus Uno e Trino e a mensagem que anuncia essa missão, presente no evangelho, exigem a trindade. Nem a mais simples pregação missionária não poderá abrir mão desse peculiar entendimento de Deus¹⁵, dado que a doutrina cristã de Deus, em qualquer de suas tradições, apenas pode ser respondida através da doutrina da Trindade, como afirmou Barth¹⁶.

Assim, partindo dessa premissa básica, Newbigin pode afirmar, como o fez, que “a missão da igreja só pode ser corretamente entendida em termos do modelo trinitário”¹⁷. A partir disso é preciso que entenda o modelo trinitário que Newbigin tem em mente. Goheen esclarece que existe uma equivalência entre a expressão modelo trinitário, muito utilizado por Newbigin, e o conceito, muito mais conhecido e pouco utilizado pelo bispo de Madras, *missio Dei*¹⁸. Desta maneira, como misso Dei que é um conceito que, inicialmente, atribui a missão como obra de Deus e, por isso mesmo, é o seu senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante; enfim, o sujeito ativo da missão¹⁹. De igual modo, o que Newbigin chama de modelo trinitário assume a mesma definição, apenas determinando de maneira mais enfática que esse Deus é Uno e Trino. Portanto, é preciso que se parta da noção newbigianiana do Deus Uno e Trino como chave interpretativa da realidade, conforme considera o bispo Newbigin, para que seja possível compreender o restante do seu pensamento e encontrar nele os princípios da relação igreja-mundo que se busca por meio desta investigação.

Em suas memórias, Newbigin considerou que uma missiologia numa perspectiva puramente cristológica seria incapaz de dar conta e tornar-se-ia inadequada para orientar a Igreja em “sua” missão²⁰. Newbigin afirmou que “somente uma doutrina totalmente trinitária seria adequado, estabelecendo a obra de Cristo na Igreja no contexto da providência suprema do Pai em toda a vida do mundo e a liberdade soberana do Espírito que é o Senhor e não o auxiliar da Igreja”²¹. Esta conclusão, anterior a sua autobiografia, remete ao paper “*The Relevance of Trinity Doctrine for Today’s Mission*”. Deste modo, a doutrina da Trindade veio a se tornar o ponto-de-partida para que Newbigin construísse o entendimento da missão da Igreja²².

¹⁴ NEWBIGIN, 1969, p.70; NEWBIGIN, L. The Mission of the Triune God, p.12. Disponível em: <http://newbigindotnet.wpengine.com/wp-content/uploads/2016/12/62mtg.pdf>. Acesso em: 05 Jul. 2018.

¹⁵ NEWBIGIN, 2018, p.12.

¹⁶ BARTH, K. Church Dogmatics: The Doctrine of the Word of God, I/1. Edinburgh: T& T Clark, 1975, p. 301.

¹⁷ NEWBIGIN, L. 2016, p.158

¹⁸ GOHEEN, 2000, p.115.

¹⁹ VICEDOM, G. F. A Missão como obra de Deus. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 16.

²⁰ NEWBIGIN, L. Unfinished Agenda: An Updated Autobiography. Eugene: Wipf & Stock, 2009, p. 187.

²¹ NEWBIGIN, L. 2009, p. 187.

²² NEWBIGIN, L. The Household of God. New York: Friendship Press, 1954, p.142-148. Como não é interesse desta tese fazer uma “arqueologia” da ideia trinitária newbigianiana, o que é necessário para esse momento é que seja compreendido o modo como Lesslie Newbigin entende a Trindade e as implicações desse entendimento para a sua teologia como um todo e, mais especialmente, para sua missiologia. Para uma percepção mais detalhada acerca da construção do pensamento de Newbigin, ver o tópico The History and Development of Newbigin’s Trinitarian Theology, In: DODDS, 2017, p. 58-63. Deve-se ressaltar que o Capítulo 3 do trabalho de Dodds tem como outra característica a construção do pano-de-fundo histórico-teológico que determinou o surgimento e o desenvolvimento da doutrina trinitária, contemplando desde Gregório de Nazianzo até teólogos contemporâneos de Newbigin, como Karl Barth e Wolfhart Pannenberg. Nesse sentido, Dodds também apresenta de um modo mais detalhado o pensamento trinitário newbigianiano. Aliás, mesmo nos capítulos específicos sobre cada uma das Pessoas

É fato incontestável que a doutrina da Trindade é o que distingue o cristianismo de outras religiões monoteístas. Para Newbiggin, essa doutrina é o elemento central do próprio Evangelho²³. Além disso, o anúncio do Evangelho, como visto anteriormente, exige a apresentação da Trindade. Newbiggin considera que, ao anunciar Jesus Cristo, como o Filho do Deus vivo, conforme a declaração petrina (cf. Mt 16,16), ainda que em seus termos mais simples, Deus seja apresentado como Pai²⁴. E mesmo que o Espírito Santo seja excluído do discurso, é o próprio Espírito, que agindo para além do discurso, é quem faz com que o anúncio humano se torne Palavra de Deus e meio de salvação, como complementa Newbiggin:

Além disso, se o evangelista for sábio, ele levará tempo para ouvir antes de falar. E se ele fizer isso, provavelmente descobrirá que as coisas aconteceram na experiência de seus ouvintes que - sem qualquer planejamento humano - prepararam o caminho para que recebessem o Evangelho. Chegará o tempo em que olharão para estas coisas como cristãos e reconhecerão então a obra preveniente do Espírito, o mesmo Espírito que Ihes falou na pregação do evangelista, o mesmo Espírito que Ihes permitiu receber palavras humanas do evangelista como a Palavra de Deus. O verdadeiro evangelista sabe que a fé desses novos cristãos não é o efeito de que suas palavras foram a causa; ele sabe que suas palavras eram apenas instrumentos da obra do Espírito, uma obra que começou antes dele chegar e continua depois que ele partiu, da qual sua fé é o fruto²⁵.

Obviamente, no que foi dito acima, nada há de novo. Esse é um lugar comum da fé cristã em qualquer de suas tradições teológicas. O que Lesslie Newbiggin traz de novo é assumir a ideia do Deus Trino e Uno, enquanto parâmetro tanto ontológico como epistemológico de todos os *loci* da teologia cristã²⁶. E, conseqüentemente, para a teologia da missão, que deve ser percebida à luz da teologia trinitária²⁷. Deste modo, Newbiggin considera que o dogma trinitário, por ser central na fé e na prática cristã, foi o que determinou a própria ação missionária da Igreja nos primeiros séculos de sua existência. Em sua opinião as próprias controvérsias e lutas trinitárias “foram de fato uma parte essencial da batalha para dominar a cosmovisão pagã no auge de seu poder e autoconfiança”²⁸. Ele afirma:

A Igreja devia difundir a mensagem do Reino de Deus num mundo que interpretava substancialmente a vida como uma interação entre a “virtude” e o “destino”, traduzida na linguagem moderna por interação entre a inteligência, a habilidade e a coragem dos homens e os poderes circunjacentes. É muito significativo que em tais circunstâncias a Igreja se sentisse impulsionada a formular a mensagem cristã nos termos da doutrina trinitária, e que na época em que se procurava exprimir o Evangelho na linguagem da civilização greco-romana, sem entretanto renunciar a sua afirmação Central, tenha sido exatamente essa doutrina que ofereceu a base para toda a disputa teológica. Em outras palavras, foi ela que permitiu aos cristãos exprimir tanto a unidade quanto a particularidade da intervenção de Deus nos poderes que circundam o homem, como também a sua ação em favor da regeneração da alma humana²⁹.

divinas, esse autor aprofunda certas questões, por exemplo, o entendimento do sofrimento vicário do Filho, DODDS, 2017, p.121-182.

²³ NEWBIGGIN, 2018, p.13.

²⁴ NEWBIGGIN, 1969, p. 70-72.

²⁵ NEWBIGGIN, 2018, p. 13.

²⁶ DODDS, 2017, p. 6.

²⁷ GOHEEN, 2000, p. 120.

²⁸ NEWBIGGIN, L. Trinitarian Faith and Today's Mission. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2006, p. 32.

²⁹ NEWBIGGIN, 1969, p. 68-69.

Ao considerar que, como tem sido feito nesta seção, que a missão é o lugar privilegiado para se observar a relação igreja-mundo e, a partir dessa observação, é o âmbito ideal para se desenvolver uma reflexão acerca desse relacionamento, pode-se afirmar que a relação igreja-mundo seja também lida por meio das lentes da doutrina da Trindade. Isso faz com que a doutrina de Deus, como uma Trindade, seja encarada não apenas como a chave de leitura teológica, mas também de toda a realidade. E o modo como a Trindade se relaciona com o mundo se torna o modelo a ser seguido pela Igreja.

Assim, do mesmo modo que a Igreja se serviu da teologia trinitária para construção da nascente cosmovisão cristã e se constituiu como um modo de interpretação da realidade, em contraste com a cultura greco-romana, Newbigin considerou necessário que a Igreja de sua época – e isso pode ser aplicado a Igreja da época atual – deveria assumir a mesma perspectiva trinitária a fim de determinar os rumos de sua ação missionária. A propósito, Newbigin pensava que no momento em que a Igreja deixou de viver a situação missionária e passou a viver no contexto da Cristandade é que se perdeu o interesse pela doutrina de Deus como Trindade, por considerar que a mensagem contida nesse dogma era conhecida. Afinal de contas, na Cristandade, todos eram cristãos e conheciam o mistério trinitário. Contudo, há que se tomar em consideração a constatação de Goheen:

Enquanto ele desenvolveu uma compreensão trinitária mais completa da missão redentora de Deus no mundo, ele nunca abandonou seu cristocentrismo. Newbigin acreditava que um contexto trinitário para a missão da Igreja seria sempre uma expansão e elaboração da obra de Deus centrada em Jesus Cristo. A obra de Jesus Cristo permaneceu como ponto de partida e critério de controle para seu pensamento sobre a obra redentora de Deus e a missão da igreja. A obra trina de Deus é o contexto para entender a missão de Cristo. Se a igreja quiser continuar a missão de Cristo, os atos redentores do Deus Triúno formarão o contexto para a identidade e missão da Igreja³⁰.

Assim, Newbigin concebe três aspectos da Trindade e as aplica à sua missiologia trinitária, que é chave interpretativa de seu pensamento: A proclamação do Reino do Pai, como a Fé em ação; o compartilhamento da Vida do Filho, como o Amor em ação; e o testemunho do Espírito Santo, como a Esperança em ação³¹. A missão do Deus Uno e Trino, está relacionada a ação de cada uma das divinas prosōpon de Deus, algo que exige uma observação mais minuciosa.

A PROCLAMAÇÃO DO REINO DO PAI, COMO FÉ EM AÇÃO

O primeiro aspecto da missiologia trinitária de Newbigin diz respeito ao Deus Pai – como não poderia deixar de ser. As palavras iniciais do evangelho de Marcos, como pontua Newbigin, é o anúncio e a proclamação do Reino do Pai³². O que é posto na boca de Jesus, isto é, a Boa-Nova de Deus, aponta para uma realidade que estava assumindo o seu lugar de direito na história da humanidade e da criação: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). O Reino é o senhorio de Deus sobre toda a criação e sobre aquilo que pode ser chamado de mundo. Newbigin escreve:

O anúncio diz respeito ao reino de Deus – Deus que é o criador, preservador e consumidor de tudo o que existe. Não estamos falando de um setor de assuntos humanos, uma vertente

³⁰ GOHEEN, 2000, p. 115.

³¹ NEWBIGIN, L. *The Open Secret*, 2.ed. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co, 1995, p. 29.

³² NEWBIGIN, 1995, p. 29.

de todo o tecido da história mundial; estamos falando sobre o reinado e a soberania de Deus sobre tudo o que é e, portanto, estamos falando sobre a origem, o significado e o fim do universo e de toda a história humana dentro da história do universo. Não estamos lidando com uma perturbação local e temporária na corrente dos acontecimentos cósmicos, mas com a fonte e meta do cosmos. É por isso que era inevitável que a resposta da pergunta – “Quem é Jesus?” – forçou os escritores do Novo Testamento a irem mais longe e mais adiante³³.

Deus-Pai é o criador amoroso e bondoso de todas as coisas. A humanidade é a coroa de toda a sua criação, a quem Deus colocou como seu representante sobre todas as coisas. A maravilhosa criação de Deus estava à disposição da humanidade, a fim de que desfrutasse dela³⁴. Entretanto, o pecado entrou no mundo por meio dos primeiros pais (Gn 3,1-24; Rm 5,12). Por conta disso, a imagem de Deus presente no ser humano foi pervertida, o que significa dizer que os dons, talentos e habilidades humanas que deveriam refletir a imago Dei, passaram a ser experimentada em e para a oposição contra Deus. A desarmonia entre o Criador e a sua criatura – por meio deste, com toda a criação – tornou-se a dinâmica da humanidade e do mundo³⁵. Deste modo, percebe-se que o mundo, por causa do ser humano, encontra-se numa condição ou estado de inimizade contra o Criador³⁶.

Sendo assim, o Evangelho anunciado por Jesus Cristo é a boa-notícia de que Deus, o Pai, reassumirá o seu domínio. Este é o segredo aberto que foi proclamado pública e visivelmente pelo Nazareno. Newbigin coloca as coisas nos seguintes termos:

Negativamente, eu disse que isso não foi feito pela introdução na história de um poder manifesto a percepção natural de homens e mulheres e que, portanto, progressivamente iriam superar e eliminar os poderes que se opõem a ele [ao Reino de Deus]. Positivamente, eu disse que a vinda de Jesus introduziu na história um evento em que o Reino de Deus é revelado sob a forma de fraqueza e loucura àqueles a quem Deus escolheu para torná-lo conhecido, e o que é dado a conhecer deve ser proclamado a toda humanidade. Porque o Reino de Deus que é proclamado, é o verdadeiro segredo da história universal e cósmica. Não é um programa de libertação privada, mas é a realidade oculta pela qual a história pública da humanidade deve ser entendida. Os selos que fecham o livro da história, que fazem com este segredo esteja oculto a percepção humana natural, foram quebrados pelo Cordeiro que parecia ter sido morto, mas que é o Leão da tribo de Judá (Ap 5,1-10). [...]. Portanto, ele, e somente ele, pode revelar esse significado àqueles a quem ele escolheu. Ao seguirem o Cordeiro no caminho, [os escolhidos] testemunham o verdadeiro significado daquilo que está acontecendo na história do mundo³⁷.

A “história” do Reino de Deus está presente na história do mundo e da humanidade. Para Newbigin, essa “história do Reino” é encontrada nas páginas da Escritura³⁸. A narrativa presente no texto bíblico não é apenas um livro de uma religião, como outros livros que existem em outras religiões³⁹. Ao contrário desses livros, afirmou Newbigin que a Bíblia “se propõe a falar da vida humana no contexto de uma história cósmica universal”⁴⁰. O que o bispo de Madras, quis dizer com

³³ NEWBIGIN, 1995, p. 30.

³⁴ NEWBIGIN, 1995, p. 31; NEWBIGIN, L. Sin and Salvation. London: SCM Press, 1956, p. 18.

³⁵ HOEKEMA, A. Criados a imagem de Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, pp. 99-102; NEWBIGIN, 1956, p. 20-22. BAVINCK, H. Dogmática Reformada, Tomo III. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 144.

³⁶ NEWBIGIN, 1956, p. 20-22.

³⁷ NEWBIGIN, L. 1995, p. 37.

³⁸ NEWBIGIN, 2016, p.123-124; NEWBIGIN, 1995, p. 31.

³⁹ NEWBIGIN, 2016, p.123.

⁴⁰ NEWBIGIN, 2016, p.123.

isso? Para ele, a história da humanidade ao oriente do Éden é a narração da desarmonia e do distanciamento estabelecidos entre o ser humano e Deus, por causa do pecado (Gn 3,1-26; Is 59,2). Paralela essa narrativa está a “história do Reino de Deus”; a história da ação do Deus criador em se fazer o Deus salvador de sua criação. Todos seus atos salvíficos para com Israel são apresentados como sinal, como sacramento da salvação e da sua intenção maior que seria revelada em Jesus Cristo⁴¹.

“Deus está de fato ativo na história”⁴². E a proclamação dessa verdade que precisava ser dita foi anunciada na pregação de Jesus. Newbiggin lança mão do evangelho de Marcos, quando Jesus, após o seu batismo começou a pregar e a dizer: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Esse foi o primeiro anúncio da história da ação salvífica de Deus, que é baseada tão-somente em seu amor, estava presente na realidade da história. O próprio Newbiggin levanta a seguinte questão: O que significa esse anúncio? Ao que responde:

Ao proclamar Cristo, a missão mundial Cristã oferece a todas as pessoas a possibilidade de entender o que Deus está fazendo na história. Por meio do seu testemunho - em palavras e atos e na vida comum - a centralidade da obra de Jesus no seu ministério, e ressurreição ela oferece a todas as pessoas a possibilidade de entender o significado e objetivo da história não devem ser encontrados em quaisquer dos projetos, programas, ideologias e utopias que se oferecem em competição uns com os outros [...]. A igreja, alcançando toda comunidade humana, vivendo uma vida centrada na lembrança continua e na restituição dessa revelação Central, oferece a todas as pessoas uma visão do objetivo da história humana, no qual o seu bem é afirmado e o seu mal é perdoado e esquecido. Uma visão que possibilita agir com esperança quando não há esperança terreno alguma, encontrar o caminho quando tudo está em trevas e não há ponto de referência terreno. É isso que estou chamando de aspecto proclamador da missão⁴³.

Aqui é possível verificar a primeira implicação dessa ação de Deus Pai em apresentar o Evangelho do Reino por meio de Jesus de Nazaré, isto é, entre o Reino de Deus e o mundo da criação não existe divisão entre uma história sagrada e uma história secular. A própria escritura bíblica não trabalha a sua narrativa em termos dualistas. Como informa Flett, Newbiggin incorpora o insight “indiscutível” dominante na missiologia dos anos de 1960, que afirmava que Deus está atuando no mundo⁴⁴.

Outra implicação está relacionada com o chamado ao Reino presente no anúncio de Jesus Cristo.

O reino de Deus não é um novo “movimento” em que os interessados podem se alistar. Não é uma causa que precisa de apoio, uma causa que pode ter sucesso ou falhar, de acordo

⁴¹ A noção newbigginiana de que Israel como sombra da Igreja como comunidade da Aliança, e por isso mesmo da eleição, implica na responsabilidade que Israel deveria ter com “todas as famílias da terra”, para fazer cumprir a promessa feita por Deus a Abraão (Gn 12,3). Israel deveria ser um povo entre os demais povos operando como um contraste para os seus vizinhos. Esse conceito é trabalhado de modo mais amplo por Michel Goheen, em: GOHEEN, M. A Igreja Missional na Bíblia. Campinas/São Paulo: CTPI/Vida Nova, 2014, p. 41-69. Nessa mesma perspectiva, ver também: KAISER, JR, W. Mission in the Old Testament: Israel as a Light to the Nations. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.

⁴² NEWBIGGIN, 1995, p. 39.

⁴³ NEWBIGGIN, 2016, p. 170.

⁴⁴ FLETT, J. G. “Who is Jesus Christ?” The Necessary Missionary Form of the Confession of the Trinity. In: LANG, Mark T.B.; WESTON, Paul (Eds.). Theology in Missionary Perspective: Lesslie Newbiggin’s Legacy. Eugene: Pickwick, 2012, p. 268.

com a quantidade de apoio que atrai. Para ser preciso, o Reino de Deus é o fato de que Deus, que Jesus conhece como Pai, é o soberano governante de todos os povos e de todas as coisas. O anúncio significa que este fato não é mais algo remoto – no Céu ou distante no futuro. É na verdade, uma realidade iminente, a grande realidade que confronta homens e mulheres agora com a necessidade de decisão⁴⁵.

A “necessária decisão”, a que se refere o bispo Newbigin, tem a ver com a participação ou não do ser humano na experiência da vida do Reino. Homens e mulheres são chamados a tomar sobre si o propósito salvador de Deus Pai. Porém, ainda que antecipando elementos que serão apresentados mais a frente, a decisão humana pelo Reino de Deus ocorre tão somente naqueles a que Deus elegeu. Só o Pai revela o significado da história a quem ele escolhe⁴⁶, isto é, para aqueles que são eleitos para anunciar as boas novas do Reino a todas as demais nações, tribos, povos e línguas, a fim de que todos conheçam Deus como Pai (Ap 4,). Isso será detalhadamente trabalhado mais a frente, por ora, o que se deve ter em mente é que a eleição é para uma missão e não para uma salvação individual, que tangencia ao egoísmo. O engajamento dos eleitos é a vida do Reino e sua expansão não meramente geográfica, mas para o chamado universal à participação de todos do Reino que é trazido para todos. Basicamente, o anúncio do Reino é o chamado divino à fé em Deus. A proclamação do Reino iniciada por Jesus e continuada pela Igreja é um chamado a fé e a vida. É a vocação para que a humanidade encontre o seu sentido no Deus Pai, criador e soberano sobre toda a sua criação, e que é também o pai de Jesus Cristo.

Todavia, como será visto mais adiante, o anúncio do Reino não é apenas a transmissão de uma mensagem com certo conteúdo intelectual. Trata-se de um anúncio feito por meio de palavras e gestos, os quais devem operar com transformadores da realidade da história humana, colocando-a em harmonia com a ética, valores e propósitos do Reino dos Céus (Mt 5,3-12). Acerca disso, Newbigin afirma:

Missão, vista deste ângulo, é fé em ação. É o agir por meio do anúncio e da perseverança, através de todos os eventos da história, na fé de que o reino de Deus se aproximou. É tornar em ação a oração central que Jesus ensinou seus discípulos a usar: “Pai, santificado seja o teu nome, venha o teu reino; seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”⁴⁷.

O COMPARTILHAMENTO DA VIDA DO FILHO, COMO AMOR EM AÇÃO

O segundo aspecto da missiologia trinitária de Newbigin está relacionado a pessoa do Deus Filho. Antes de qualquer coisa, é preciso atentar para o modo como Newbigin trabalha a doutrina da Trindade. O seu foco está na Trindade econômica, isto é, no modo em que ocorre as relações dentro do ser Divino e sua obra ad extra. De modo algum, Newbigin está interessado em tratar qualquer questão ontológica, que, de alguma maneira, gere qualquer tipo de embaraço desnecessário, como algum tipo subordinacionismo ontológico. Assim,

Newbigin fala sem hesitação da dependência e submissão do Filho ao seu Pai. Jesus não é uma manifestação provisória do Senhor de todas as coisas. Sua revelação de Deus é a de um Filho que se submete e obedece a seu Pai. Jesus se submete aos eventos ordenados pelo Pai, como a forma em que sua missão e a de seus seguidores devem ser cumpridas⁴⁸.

⁴⁵ NEWBIGIN, 1995, p. 34.

⁴⁶ FLETT, 2012, p. 268.

⁴⁷ NEWBIGIN, 1995, p. 39.

⁴⁸ DODDS, 2017, p. 82.

Dito isso, é necessário perguntar: Qual é o lugar do Filho na elaboração newbiginiana da Trindade como lentes para se pensar a relação Igreja-Mundo? Essa pergunta deve ser feita para se pensar além do óbvio. É básico na catequese cristã que, em Jesus, Deus-Pai estava transformando e reconciliando consigo mesmo a humanidade (2Co 5.17-19)⁴⁹. O Deus encarnado não assume apenas a humanidade, mas também assume, em sua verdadeira humanidade, a proclamação e a presença do Reino de Deus⁵⁰. O relato neotestamentário demonstra claramente que Jesus Cristo é entendido como o meio pelo qual Deus é definitivamente revelado à humanidade (Jo 1,1-3, Cl 1,15-20; Hb 1,3). Newbigin está de acordo ao afirmar que a ação primeira do Filho é revelar o Pai ao mundo⁵¹, afinal de contas, “é Deus quem encontramos quando encontramos Jesus”⁵². Tratando sobre a relação entre o Pai e o Filho, Newbigin escreveu em seu comentário do Quarto Evangelho o seguinte:

Antes do tempo existir, Deus era. Foi pela Palavra de Deus que todas as coisas vieram a existir. Tudo que existe, existe pela Palavra de Deus, pois sua Palavra não é outra, senão, o seu agir. Deus falou e todas as coisas foram criadas e, pela sua Palavra, elas existem. A Palavra criadora de Deus é Deus, porquanto, ninguém além de Deus pode criar. A sua Palavra reveladora não é outra coisa senão Deus, porque ninguém além de Deus pode revelar Deus, mas esta Palavra reveladora não é uma abstração ou algum tipo de inquirição filosófica. E a Palavra é ele, Jesus⁵³.

A encarnação de Palavra traz consigo sua dinâmica própria, isto é, continuar sendo o agir de Deus e a revelação de Deus. O próprio Deus, em seu ser criativo e revelacional, se fez homem⁵⁴. Essas duas dinâmicas que caracterizam o Verbo se encontram envolvidas e interrelacionadas na missão do Filho. A missão que cumpria a Jesus realizar não era apenas uma reveladora proclamação do Reino de Deus. Antes, se tratava ato de assumir, em sua própria pessoa, a presença do Reino⁵⁵. As demandas próprias do Reino, bem como as ações salvíficas do Pai, deveriam estar encarnadas em Jesus. Em que consiste, para Newbigin, essa incorporação do Reino?

Trabalhando a partir da questão levantada por João Batista – “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro”? (Mt 11,2-3) – Newbigin demonstra que é incorporação do reino em Jesus que o Dia do Senhor, prometido pelos profetas, foi antecipado em Jesus Cristo. O bispo de Madras pretendia relacionar tanto a promessa da salvação como a terrível advertência acerca juízo estavam prolepticamente na pessoa do Nazareno⁵⁶. De modo que, em Jesus, todas as expectativas judaicas acerca do perdão na vinda escatológica do Reino de Deus, havia se tornado real e presente, e não mais se constituía mais em uma promessa de natureza futura⁵⁷. Não obstante, Newbigin se apressa em afirmar que, acerca do perdão que há na vinda do Reino, há também um aspecto negativo. Ou seja, mesmo Reino que traz e possibilita a paz e a reconciliação com o próprio Deus,

⁴⁹ CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, 17. Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, CFW, VIII: 1-8, doravante apenas CFW; CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 4. Ed. Brasília/São Paulo: CNBB/Loyola, 2017, § 456-460.

⁵⁰ Porém, Dodds tem criticado Newbigin quando o caráter prático de suas especulações trinitárias. Para esse autor, embora Newbigin reafirme por várias vezes a questão da incorporação do Reino, ele não oferece, por outro lado, elementos práticos para verificação disso. DODDS, 2017, p. 82.

⁵¹ DODDS, 2017, p. 82.

⁵² NEWBIGIN, L. *The Light has come: An exposition of the Fourth Gospel*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982, p.165.

⁵³ NEWBIGIN, 1982, p. 2.

⁵⁴ NEWBIGIN, 1982, p. 8.

⁵⁵ NEWBIGIN, 1995, p. 41.

⁵⁶ NEWBIGIN, 1995, p. 48.

⁵⁷ NEWBIGIN, 1995, p. 48.

traz em si mesmo o juízo. Em Jesus, o juízo de Deus também se faz presente⁵⁸: “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai” (1Jo 2,23).

Conseqüentemente, se o reino de Deus estava presente em Jesus de Nazaré, então deve-se admitir, que em Jesus, o reino estava presente no mundo. Assim, é possível pensar que o reino de Deus em Cristo estava no íntimo contato com todas as dores, sofrimentos e anseios, próximo a todos os sonhos e esperanças humanos. Onde Jesus esteve, casamentos, festas ou funerais, entre as elites ou entre os sofrendores por conta da pobreza, ali estava o Reino. Neste ponto, é preciso admitir que o bispo Newbiggin oferece mais uma pista para o entendimento da relação igreja-mundo. Jesus Cristo é a chave para compreensão da história humana, conforme Newbiggin⁵⁹. Newbiggin, portanto, levanta a seguinte questão: É possível falar de significado para a história?⁶⁰

Esse é um questionamento é acerca de um telos, de uma meta para a qual todas as coisas convergem. Para o bispo Newbiggin, a história não é um desenvolvimento de forças imanentes que articulam os eventos e os fatos que ocorrem no progresso da humanidade⁶¹. Antes, a história

é uma questão da promessa de Deus. A história tem um objetivo apenas no sentido de que Deus a prometeu. E é claro que Jesus diz lá com sua mensagem fundamental de que o Reino de Deus está perto, fala como um representante, representante final, da tradição apocalíptica. Nele, o fim chegou. Nele, portanto, a história encontra o seu significado⁶².

E que:

A Boa Nova que Jesus abriu um caminho pela cortina e veio para conduzidos pelo caminho que ele abriu e que ele é, o caminho em permanecermos nele, como sua paixão para que possamos compartilhar sua vitória sobre a morte. Vida como sua vida encarnada foi de vida no mundo em que o poder das trevas ainda está em Ação. Quanto mais intensamente desafiamos esses poderes no nome de Jesus, com mais violência eles atacam, mas é exatamente quando esse ataque for mais violento e exatamente quando estivermos mais vulneráveis serão dados os sinais da presença do Reino, para falarmos da palavra que dá testemunho do poder real de Cristo e nos assegura de que a vitória é dele e não os poderes das Trevas⁶³.

Nisso subjaz o segundo elemento presente na obra salvífica de Jesus Cristo, isto é, “a criação de uma comunidade para ser portadora e proclamadora da salvação”⁶⁴. Newbiggin chama a atenção para o fato que o legado de Jesus para o mundo é a Igreja. Acerca disso, Newbiggin escreveu:

Existe uma sociedade real, visível e terrestre, que é tratada como “o povo de Deus”, o “Corpo de Cristo”. É certamente um fato de inesgotável significado que o que nosso Senhor deixou para trás não era um livro, nem um credo, nem um sistema de pensamento, nem

⁵⁸ NEWBIGGIN, 1995, p. 44.

⁵⁹ NEWBIGGIN, 2016, p. 139-153.

⁶⁰ NEWBIGGIN, 2016, p. 139. Essa mesma questão foi apresentada na obra “*The Finality of Christ*”, de 1969. O argumento de Newbiggin neste texto é retomado em *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*. NEWBIGGIN, L. *The Finality of Christ*. London: SCM Press, 1969.

⁶¹ NEWBIGGIN, 2016, p. 140.

⁶² NEWBIGGIN, 2016, p. 140.

⁶³ NEWBIGGIN, 2016, p. 152.

⁶⁴ DOODS, 2017, p. 82.

uma regra de vida, mas uma comunidade visível. [...]. Ele confiou toda a sua obra de salvação para essa comunidade⁶⁵.

Jesus anunciou Reino de Deus e, ao final do seu ministério, enviou os seus discípulos para fazer o mesmo – “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21)⁶⁶. Porém, o conceito de Reino de Deus, na proclamação de Jesus às ovelhas perdidas da casa de Israel, fazia total sentido para aqueles que o ouviram em seu ministério. Entretanto, como Newbigin bem considerou, o Evangelho do Reino não faria sentido aos pagãos, porque, ao contrário dos judeus que esperavam esse Reino, a cultura deles estava alheia a essa promessa divina. Assim,

a primeira geração de pregadores cristãos usou uma linguagem diferente da linguagem de Jesus: ele falou sobre o reino, eles falaram sobre Jesus. Eles estavam fadados a fazer essa mudança de linguagem se quisessem ser fiéis aos fatos. Não era apenas que a frase “reino de Deus” aos ouvidos de um pagão grego seria quase sem sentido, não tendo nenhuma das reverberações profundas que evocava para alguém que foi ensinado pelo Antigo Testamento. Foi que o Reino, ou reinado, de Deus não era mais uma esperança distante ou um conceito sem rosto. Tinha agora um nome e um rosto - o nome e o rosto do homem de Nazaré. No Novo Testamento, estamos lidando não apenas com a proclamação do Reino, mas também com a presença do Reino⁶⁷.

A pessoa do Deus Filho, tornada carne no ventre da santíssima Virgem, assumiu a tarefa do anúncio e da presentificação do Reino e do seu Evangelho⁶⁸. Ao proclamar o Evangelho, os apóstolos e toda a comunidade cristã anunciaram Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado (At 2; 1Co 2,2). Ao fazer isso, a Igreja passa a encarnar as mesmas demandas do Filho – anunciar e presentificar o Reino na sua vida.

O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO SANTO, COMO A ESPERANÇA EM AÇÃO

Por fim, o último elemento do entendimento newbiginiano sobre a *missio trinitatis* está relacionado com a pessoa e obra do Espírito Santo. Se na pessoa do Pai, o Reino é dado a conhecer, e em Jesus, o Filho, o Reino é incorporado, na pessoa do Espírito Santo, então, o Reino de Deus é antecipado como o antegozo do domínio do Deus Uno e Trino sobre toda a terra⁶⁹. Porém, antes de tratar a questão acerca da prevenção do Reino de Deus na pessoa e obra do Espírito Santo, faz-se preciso considerar preliminarmente a interrelação existente entre o agir do Filho e do Espírito Santo no cumprimento da *missio trinitatis*, conforme o pensamento de Lesslie Newbigin.

O que se tem procurado demonstrar nesta subseção é que o bispo Newbigin procurou determinar o modelo da ação missionária da Igreja à luz da ação missionária do Deus Uno e Trino. A formulação trinitária construída por ele lança os seus fundamentos sobre o que a teologia tem definido como trindade econômica, isto é, a maneira como cada uma das pessoas da Divindade manifesta a sua ação na história da salvação. Nesse caso, deve-se ter por evidentes que a relação pericorética da Divindade continua relacionando as Pessoas divinas e suas ações salvíficas. E esse modo de relacionamento é mais visível entre o Filho e o Espírito Santo. A ideia de Newbigin acerca da interrelação entre a pessoa do Filho e a pessoa do Espírito Santo é caracterizada pela analogia

⁶⁵ NEWBIGIN, Household of God, p. 20.

⁶⁶ NEWBIGIN, 1995, p. 40.

⁶⁷ NEWBIGIN, 1995, p. 40.

⁶⁸ NEWBIGIN, 1995, p. 41.

⁶⁹ NEWBIGIN, 1995, p. 56.

de Irineu de Lion, isto é, “ambos são as mãos de Deus”⁷⁰. A ideia, com essa imagem, é demonstrar que há uma interdependência entre o Filho e o Espírito na realização das obras de Deus Pai. E de fato, a missão do Filho não pode ser pensada a parte da missão do Espírito, e vice-versa⁷¹. Newbigin demonstrou esse íntimo relacionamento entre ambas as pessoas na seguinte afirmação:

Desde o começo do Novo Testamento, a vinda de Jesus, suas palavras e obras estão diretamente ligadas ao poder do Espírito. É pelo Espírito que Jesus é concebido, é pelo Espírito que ele é ungido no seu batismo, pelo Espírito que ele é levado ao deserto para seu encontro com Satanás. É no poder do Espírito que Jesus dá início ao seu ministério de ensino e cura (Lc 4,14;8; Mt 12,18). Em vista de tudo isso, é digno de nota que os Evangelhos nada dizem sobre qualquer comunicação do Espírito aos discípulos durante o período do ministério terreno de Jesus. É somente quando o batismo, iniciado no Jordão, foi tornado pleno no ministério de Jesus e consumado em sua morte, que os discípulos puderam entrar na nova união do Espírito, através de sua identificação com Jesus ressuscitado. Acerca disso, já me referi ao relato joanino sobre esse tema (Jo 20,19-23)⁷².

Por outro lado, mesmo que o Espírito Santo tenha boa parte da sua ação verificada na e através da missão de Jesus⁷³, deve-se admitir também que outra parte da sua missão está relacionada com a comunidade dos eleitos de Deus, desde o começo da narrativa bíblica⁷⁴. A Igreja de Deus, na história da salvação, torna-se o lugar observado no qual se percebe o agir do Espírito na missão trinitatis Dei. Entretanto, é sua dupla processão do Pai e do Filho, em Pentecostes, ao derramá-lo sobre toda a carne, o Espírito Santo é visto agindo de maneira poderosa e soberana sobre a Igreja e o mundo (Jl 2,28-32; At 2,17-21).

A partir do Pentecostes, o agir do Espírito está sobre a Igreja, para o cumprimento da missão que lhe foi confiada pelo Filho, da mesma maneira que esteve sobre Jesus de Nazaré em seu ministério terreno (Mt 28,19; Mc 16,15; Jo 20,21; At 1,8). Assim, como foi com Jesus, o Espírito que faz nascer a Igreja, que a unge, que a capacita com poder e que a conduz ao encontro-confronto com as forças demoníacas e dia-bólicas que agem sobre o mundo da criação e da cultura humana. E pela dor e sofrimento que advém desse confronto, que a Igreja é identificada com o Ressuscitado, partilhando também de sua vitória sobre tais forças. Dessa interrelação, portanto, é possível afirmar que, do mesmo modo como o Espírito agiu em Jesus, ele tem agido na Igreja, o corpo místico do Nazareno.

Feita essa digressão, é preciso retornar a ideia da preveniência do Reino de Deus através do Espírito Santo⁷⁵. Como demonstrado anteriormente, a missão é a proclamação sobre o Reino de

⁷⁰ YOUNG, F. *The Uncontainable God: Pre-Christendom Doctrine of the Trinity*, p. 324. In: FOUST, T. F. (Ed.). *A Scandalous Prophet: The Way of Mission After Newbigin* *Apud*. DODDS, 2017, p. 183.

⁷¹ DODDS, A. 2017, p. 183.

⁷² NEWBIGIN, 1995, p. 57.

⁷³ DODDS, A. 2017, p. 183.

⁷⁴ Herdeiro da teologia federal presbiteriana que admite a existência de duas dispensações ou administrações do Pacto da Graça, Newbigin considera que a Igreja não é um evento ocorrido tão-somente em Pentecoste, mas é algo que está presente no mundo desde o chamado de Abraão para “abençoar todas as famílias da terra” (Gn 12,3), fazendo que essa promessa fosse renovada com a descendência de Abraão, até que ela tomasse maior intensidade no Sinai, para que Israel como Nação, fosse uma nação-contraste entre todas as nações da terra (Êx 19,5-6), conquanto uma “nação sacerdotal” deve mediar não a si mesmo diante de Deus, mas outras nações. Até que, no evento-Cristo, e em Pentecoste toda essa promessa toma sua forma final e a Igreja, o Israel restaurado por Deus, assume a tarefa de ser essa nação-contraste para anunciar ao mundo as virtudes de Jesus Cristo (1Pe 2,9). NEWBIGIN, 1954, p. 20ss. GOHEEN, 2014, p. 41-98. REICKE, B. *The Anchor Bible: The Epistles of James, Peter, and Jude*. New York: Doubleday, 1964, p. 98. CFW VII:3.

⁷⁵ NEWBIGIN, 1995, p. 56.

Deus, que é incorporado na vida de Jesus, que o presentificar em si, em sua mensagem e atos. Mas o que Newbigin quer dizer como a expressão preveniência do Reino?

Newbigin entende que o Reino de Deus proclamado e incorporado por e em Jesus, é trazido à Igreja, o corpo de Cristo, que segue no mesmo envio que a sua Cabeça foi enviada pelo Pai (Jo 20,21), e é trazida também ao Mundo por meio da missão Espírito. E nessa *missio Spiritus Sancti*, as promessas do Reino são prolepticamente trazidas aos discípulos de Jesus, porém, “a promessa é que os discípulos não receberão imediatamente o reino em sua plenitude, mas aquele presente que é o antegozo, o penhor, a garantia do Reino - a saber, a presença do Espírito” (At 1,8; 2Co 1,22; Ef 1,14)⁷⁶. O Espírito Santo é o arrabõn, a garantia, que o Reino antecipado em sua presença virá em sua plenitude no dia de Cristo. Desta maneira, Newbigin considera algumas características desse penhor dado à Igreja pela presença do Espírito⁷⁷.

1. *A presença do Espírito Santo nunca será tirada.* A dádiva do Espírito é definitiva, conforme as *palavras* do Quarto Evangelho (Jo 14,16). Sua perpétua presença não apenas garante a plena redenção da humanidade, mas também se torna penhor para a eternidade.
2. *A presença do Espírito Santo é para congregar pessoas e não as dividir.* Newbigin argumenta a partir do Antigo Testamento que o Espírito Santo era dado individualmente, criando uma comunidade fragmentada entre os que receberam o Espírito e os que não receberam o Espírito⁷⁸. A marca da Igreja é que todos os membros de uma congregação compartilham de um só Espírito (Ef 4,3-4).
3. *A presença do Espírito Santo é um presente do Cristo Crucificado-Ressuscitado.* Newbigin entendia que o Espírito somente poderia ser dado após se cumprir plenamente obra de Cristo, nos eventos de sua paixão-morte-ressurreição, na destruição dos poderes do Mal⁷⁹. A dádiva do Espírito Santo à Igreja e, por meio dela, à toda carne, é recebida por todo aquele que faz a experiência da comunhão na morte e na ressurreição de Cristo no batismo (Rm 6,4-7). É por isso que o Espírito Santo está primeiramente sobre a Igreja, uma vez que ela assume, no seguinte de Jesus, a sua autonegação, as dores e angústias desse caminhar, bem como o seu suplício, mas sempre esperança viva e sempre renovada da plenitude do Reino, a “aurora de um novo dia esperado, que banha tudo o que existe”⁸⁰.
4. *A presença do Espírito Santo está intimamente ligada a dádiva do perdão.* A missão do Espírito por meio da Igreja é, especialmente, aquela de continuar trazendo o perdão para aqueles que estão sob o domínio dos poderes do pecado, afirma o bispo de Madras⁸¹. O Reino de Deus pensado como domínio sobre todas as coisas estão em confronto constante contra o domínio do pecado, que tem subjugado homens e mulheres ao longo da história humana. A presença do Reino antecipada pelo Espírito Santo traz a oferta libertadora do domínio do mal em todas as suas dimensões e formas.
5. *A presença do Espírito Santo é para capacitar a Igreja a cumprir sua missão.* Está última característica do Espírito Santo, é central na pneumatologia missiológica de Newbigin. O

⁷⁶ NEWBIGIN, 1995, p. 58.

⁷⁷ NEWBIGIN, L. *The Holy Spirit and the Church*. Madras: The Christian Literature Society, 1972, p. 11-15.

⁷⁸ NEWBIGIN, 1972, p. 11.

⁷⁹ NEWBIGIN, 1972, p. 10.

⁸⁰ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, 3.Ed. São Paulo: Teológica, 2003, p. 22.

⁸¹ NEWBIGIN, 1972, p. 12.

bispo de Madras entende que “missão não é algo que a Igreja faz; mas que é algo que é realizado pelo Espírito, que é em si mesmo a testemunha que transforma tanto o mundo como a igreja, que sempre antecede a igreja na sua jornada missionária”⁸². Assim, a presença do Espírito Santo no mundo aponta para as seguintes questões:

Concedendo poder para a missão: A missão de Jesus e a missão da Igreja é realizada no mesmo poder concedido pelo Espírito Santo. Por isso, faz todo sentido observar o mandato missionário, quando Jesus não apenas envia os apóstolos, mas também lhes concede o Espírito Santo (Jo 20,21-22). A missão é a mesma e o poder do Espírito é o mesmo. O poder do Espírito que concedeu a Jesus Cristo sua vitória sobre o seu sofrimento e sobre sua dolorosa morte, é o mesmo que anima e impulsiona a Igreja. Desta forma, disse Newbigin, a “Igreja é capacitada pela presença do Espírito a participar dessa vitória, pois se dobra continuamente para ser oferecida no Filho e através do Pai. Nesta vida, a igreja está capacitada para compartilhar a paixão vitoriosa do Deus trino”⁸³. Participar dessa vitória é lançar-se também à continuidade da missão de Jesus.

b. Determinando o local da ação missionária da Igreja: Talvez seja estranho tocar nesse assunto, porém, algo que Newbigin deixa claro é que o Espírito é quem determina o mundo como o ambiente da missão. Entretanto, há uma necessidade da Igreja de “adentrar” no mundo e não “retira-se” dele, como Newbigin afirmou:

Ser movido pelo Espírito Santo não significa retirar-se dos negócios mundanos, isto é, da luta dos povos e das nações pela justiça e pela liberdade, das aspirações criativas da arte da ciência. Antes, quer dizer justamente participar do anelo de toda criação Divina que “suspira e sofre” na expectativa da libertação: mas esse anelo é cheio de esperança, o Espírito Santo é a garantia da nossa filiação divina (Rm 9,14-25)⁸⁴.

Neste sentido, a presença do Espírito Santo na Igreja produz a vontade de se tornar participante da ação do Deus trino em sua missão salvadora. Ser filho ou filha de Deus é sempre ter diante de si a mesma perspectiva própria da Trindade em relação ao mundo. A Igreja, como comunhão do Espírito, pertence a necessidade do anúncio do Evangelho, no poder do Espírito, para que “a face da terra seja renovada” (Sl 104 ARA). É a terra o lugar da missão, é o mundo em que a Igreja está e do qual ela faz parte.

c. Sendo o antegozo do Reino: A presença do Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo é a presença antecipadora do amor, alegria e paz próprios do Reino de Deus⁸⁵. O Espírito Santo é o agente ativo da missão, mas também é aquele que traz prolepticamente, como uma antecipação a Igreja ao Mundo, o Reino, como uma espécie de preâmbulo do seu estado absoluto, quando Deus for tudo em todos (1Co 15,28).

[A Igreja] não está no controle da missão. Outras pessoas estão no controle. E as suas novas obras surpreenderão repetidamente a Igreja, obrigando-a a parar de falar e a ouvir. Porque o próprio Espírito é soberano sobre a missão, a Igreja deve estar na posição de servo atento. Na verdade, o próprio Espírito é a testemunha que vai diante da Igreja em sua jornada missionária. O testemunho da Igreja é secundário e derivado. A igreja é testemunha na medida em que segue obedientemente o Espírito por onde ele a conduz⁸⁶.

⁸² NEWBIGIN, 1995, p. 56.

⁸³ NEWBIGIN, 1995, p. 108.

⁸⁴ NEWBIGIN, 1969, p. 169

⁸⁵ NEWBIGIN, 1995, p. 62

⁸⁶ NEWBIGIN, 1995, p. 61.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Trindade age para a salvação da humanidade. A chave dessa salvação, conforme Newbiggin, é a mensagem revelada pelo Filho de Deus, Jesus Cristo, de que “o domínio soberano do Pai na história da salvação narrado na história bíblica é o ponto de partida. O Reino do Pai é o cenário principal para a missão do Filho e da Igreja. O Espírito é o antegozo do Reino”⁸⁷. Essa é, portanto, a forma como Lesslie Newbiggin compreende a *missio trinitatis Dei*, assumindo como modelo epistemológico de sua reflexão missionária. A ação do Deus Uno e Trino é recebida como uma espécie de arquétipo a ser reproduzido na missão outorgada pelo Filho, nos exatos moldes que ele mesmo fora enviado pelo Pai no poder do Espírito (Jo 20,21-22).

As frases finais do último parágrafo [de *The Open Secret*] destacam algo essencial para a compreensão de Newbiggin sobre a missão do Deus Triúno: é fundamentalmente escatológico. O evangelho é o anúncio da entrada na história do reino do tempo do fim de Deus em Jesus Cristo. Newbiggin entende a *missio Dei* em termos de um movimento na história em direção a um objetivo. Tudo deve ser entendido em termos do telos da história. A boa notícia é que na vida, morte e ressurreição de Jesus, o fim foi revelado no meio. O Espírito é um presente do tempo do fim que testemunha o reino revelado e realizado em Jesus. Assim, os cabeçalhos principais das seções seguintes sobre a missão do Deus Triúno dão atenção direta ao estreito vínculo entre a *missio Dei* e o reino de Deus: Jesus revela e realiza o reino do Pai em Sua missão no poder do fim. Espírito de tempo⁸⁸.

O que se percebeu ao longo desta subseção foram os subsídios newbigginianos, a partir da análise que o bispo de Madras fez, tomando como referência missionária a pessoas do Deus Uno e Trino. Faz-se necessário, agora, especificar quais os subsídios a *missio trinitatis*, conforme Lesslie Newbiggin, pode oferecer para a construção de uma específica relação entre a Igreja e o Mundo. Os seguintes pontos devem ser considerados:

1. O Pai está agindo no mundo:
2. O Filho trouxe o Reino de Deus ao mundo:
3. O Espírito Santo tem antecipado o Reino ao mundo:

Como é possível observar, a relação da Trindade não é com um grupo pequeno, como “um punhado de trigo sob a palha”, como dizia João Calvino⁸⁹; mas, essa relação é com a totalidade de sua criação. O mundo é o objeto e o cenário nos quais se revelam todos os atos salvadores de Deus. A Boa-Nova proclamadas por Jesus Cristo, no passado, e, desde a sua ascensão, pela Igreja, estão voltadas para o mundo da criação, para os ouvidos e corações de mulheres e homens de todos os lugares e de todas as culturas. Resumindo, o Deus Uno e Trino está agindo para a salvação do mundo e o Evangelho é a mensagem acerca dessa ação.

REFERÊNCIAS

BARTH, K. *Church Dogmatics: The Doctrine of the Word of God*, I/1. Edinburgh: T& T Clark, 1975.

BAVINCK, H. *Dogmática Reformada*, Tomo III. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, J. *Instituições da Religião Cristã*, Tomo II. São Paulo: Unesp, 2009.

⁸⁷ GOHEEN, 2000, p. 121.

⁸⁸ GOHEEN, 2000, p.121.

⁸⁹ CALVINO, J. *Instituições da Religião Cristã*, Tomo II. São Paulo: Unesp, 2009, IV.1.2

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 4.ed. Brasília/São Paulo: CNBB/Loyola, 2017.
- CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, 17.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- DODDS, A. *The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbigin*. Eugene: Pickwick Publications, 2017 [Edição Kindle].
- FLETT, J. G. "Who is Jesus Christ?" The Necessary Missionary Form of the Confession of the Trinity. In: LANG, Mark T.B.; WESTON, Paul (eds.). *Theology in Missionary Perspective: Lesslie Newbigin's Legacy*. Eugene: Pickwick, 2012 [Edição Kindle].
- GOHEEN, M. W. *As the Father Has Sent Me, I Am Sending You*. J. E. Lesslie Newbigin's Missionary Ecclesiology. 2000. Utrecht, 2000. Interuniversitair Instituut voor Missiologie en Oecumenica. Universidade de Utrecht (Holanda).
- _____, M. *A Igreja Missional na Bíblia*. Campinas/São Paulo: CTPI/Vida Nova, 2014.
- HENSLEY, J. Liberal Protestantism. In: HILLERBRAND, Hans J. (Ed.). *The Encyclopedia of Protestantism*, vol. 3. London: Routledge, 2004.
- HOEKEMA, A. *Criados a imagem de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- KAISER, JR, W. *Mission in the Old Testament: Israel as a Light to the Nations*. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.
- LIBÂNIO, J.B.; MURAD, A. *Introdução à Teologia*. Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.
- MCGRATH, A. *Christian Theology: An Introduction*, 5.ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança*, 3.ed. São Paulo: Teológica, 2003.
- NEWBIGIN, L. *A Igreja Missionária no Mundo moderno*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- _____, L. *O Evangelho em um Sociedade Pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016.
- _____, L. *One Body, One Gospel, One World*. London: International Missionary Council, 1958.
- _____, L. *Sin and Salvation*. London: SCM Press, 1956.
- _____, L. *The Finality of Christ*. London: SCM Press, 1969.
- _____, L. *The Light has come: An exposition of the Fourth Gospel*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- _____, L. *The Open Secret*, 2.ed. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co, 1995.
- _____, L. *Trinitarian Faith and Today's Mission*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2006.
- _____, L. *Unfinished Agenda: An Updated Autobiography*. Eugene: Wipf & Stock, 2009.
- _____, L. *The Holy Spirit and the Church*. Madras: The Christian Literature Society, 1972.
- _____, L. *The Household of God*. New York: Friendship Press, 1954.

_____, L. *The Mission of the Triune God*. In: NEWBIGIN RESOURCES. Disponível em: <<http://newbigindotnet.wpengine.com/wpcontent/uploads/2016/12/62mtg.pdf>>. Acesso em: 21 de Jun. 2018.

REICKE, B. *The Anchor Bible: The Epistles of James, Peter, and Jude*. New York: Doubleday, 1964.

VICEDOM, G. F. *A Missão como obra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WAINWRIGTH, G. *Lesslie Newbigin: A Theological Life*. New York: Oxford Press, 2000.

YOUNG, F. The Uncontainable God: Pre-Christendom Doctrine of the Trinity. In: FOUST, T. F. (Ed.). *A Scandalous Prophet: The Way of Mission After Newbigin*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.